



## **Bonequeiras Sem Fronteiras: As Mídias Sociais como Viabilizadoras de Ações de Voluntariado no Terceiro Setor<sup>1</sup>**

Keren Franciane MOURA<sup>2</sup>

Elza Aparecida Oliveira FILHA<sup>3</sup>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

### **RESUMO**

O presente artigo objetiva analisar e apresentar as ações promovidas e realizadas pelo grupo de artesãs voluntárias do projeto Bonequeiras Sem Fronteiras sob a perspectiva da organização viabilizada pelas Mídias Sociais. A dinâmica do grupo será estudada a partir do ponto de vista teórico de Clay Shirky (2011) e seus estudos sobre a colaboratividade fomentada por essas mídias, organizando voluntários virtuais para ações que tomam forma no âmbito real. A definição dessas atividades como parte do Terceiro Setor será analisada sob a perspectiva de autores voluntários da obra *Um sensível olhar sobre o terceiro setor* (2006), organizado por Eudósia Acuña Quintero.

**PALAVRAS-CHAVE:** mídias sociais; terceiro setor; voluntariado.

### **INTRODUÇÃO**

O projeto Bonequeiras Sem Fronteiras iniciou-se no ano de 2012, idealizado e coordenado pela pedagoga Andréa Cordeiro. Ao se deparar com as imagens divulgadas da invasão policial ocorrida em uma área conhecida como Pinheirinho, em São José dos Campos - SP, Andréa sensibilizou-se com a situação das cerca de mil crianças que, juntamente com suas famílias, foram expulsas de suas casas.

Tendo como referência o projeto *Dolly Donations*<sup>4</sup>, Andréa Cordeiro compartilhou entre seus contatos a ideia de produzir bonecas de pano para serem

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 5º. Semestre do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da UTFPR, email: keren@alunos.utfpr.edu.br..

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, professora da Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR).

<sup>4</sup> Dolly Donations é um site criado em 2010 pela norte-americana de origem inglesa Sarah Hanson para organizar a produção e o envio de bonecas de pano às crianças do Haiti. Atualmente o site promove ações globais onde artesãos de várias nações contribuem com a produção de bonecas de pano a serem distribuídas para crianças em situação de risco.



enviadas às crianças de Pinheirinho, como uma forma de aliviar o momento pelo qual elas passavam e contribuir de alguma forma com esse acontecimento social. Desta ação surgiu o projeto Bonequeiras Sem Fronteiras, que conta atualmente com quase 500 artesãos conectados que se engajam em ações sociais propostas e organizadas *online*, e atende instituições de apoio não somente à crianças carentes, como também lares de idosos por todo o país. O grupo é formado, em grande parte, por pessoas que têm a costura como passatempo, e não como profissão.

Dentro deste contexto, pode-se identificar o conceito de excedente cognitivo, definido por Clay Shirky, em seu livro *A Cultura da Participação* (2011). Para Shirky, o excedente cognitivo é um potencial que, com os devidos meios e motivos, pode viabilizar ações sociais significativas, propondo que os talentos, quando coletivos, tornam-se uma questão social, não apenas individual.

Entendendo e estudando as mídias sociais como facilitadores da comunicação entre os membros do projeto Bonequeiras Sem Fronteiras, o presente trabalho se propõe a identificar a forma como se dá o direcionamento do excedente cognitivo nas ações sociais presenciais promovidas pelo projeto e seu impacto na sociedade.

### **Bonequeiras Sem Fronteiras e seu Alcance Como Terceiro Setor**

O terceiro setor surgiu pela falta de representatividade social do primeiro setor, ou seja, setor público, e do descaso do segundo setor, o privado. No Brasil, essa expressão é recente, e abrange diferentes termos, tais como:

... sociedade civil sem fins lucrativos, grupo, organização da sociedade civil, organização não-governamental (ONG), setor de caridade, atividade filantrópica, centro, instituto, rede, liga, núcleo, lar, instituição, fraternidade, seara, serviço, casa. (YAMAGUTI apud QUINTEIRO, 2006, p.73)

Sendo composto, em sua maioria, por voluntários, caracteriza-se pelo esforço dessas pessoas que, compadecidas por determinadas causas sociais, promovem ações em prol dos mais necessitados, aqueles desprovidos do auxílio governamental e largados a margem do sistema. Para Eudisia Acuña Quinteiro,



O terceiro setor carrega em seu bojo a unificação de todos os povos e nações pelo avanço da solidariedade sem fronteiras, contrariando as perspectivas de poder absoluto e egoísta que muitos governantes destemperados e completamente distanciados da realidade defendem, ainda em causa própria, distorcendo o teor dos votos que lhes foram legados e que não lhes concedem a menor anuência do social local, e muito menos planetário, para tamanho despautério. (QUINTEIRO, 2006, p.17)

As ações promovidas no terceiro setor, neste sentido, andam na contramão do sistema capitalista, visando o bem estar do próximo acima do seu, levando os voluntários para fora da sua área de conforto de forma a alcançar aqueles que necessitam de cuidados e atenção básicos a uma condição digna de sobrevivência.

No dia 22 de janeiro de 2012, ocorreu a ação policial de reintegração de posse da comunidade de Pinheirinho, no estado de São Paulo. A ocupação da área pela população iniciou-se no final de 2003, e na época da desocupação a comunidade já contava com cerca de nove mil pessoas ali estabelecidas. A ação de desapropriação dessa localidade aconteceu de forma trágica e violenta, e foi noticiada por vários veículos de comunicação. No caso Pinheirinho, estabeleceu-se não somente a falta de representatividade do povo, como também, a opressão e injustiça por parte do Estado.

Por conta da cobertura midiática desse acontecimento, muitas pessoas e organizações se mobilizaram para de alguma forma aliviar as perdas e danos sofridos pelas famílias da comunidade. Entre elas, a pedagoga Andrea Cordeiro que, juntamente com um grupo de artesãs, teve a iniciativa de costurar bonecos de pano para as crianças vítimas da desapropriação, como forma de resgatar um pouco da infância no meio da tragédia que as atingia.

A ação ganhou proporção pelo *Facebook*, e o número de artesãs que contribuíram foi de 160, totalizando na confecção e entrega de 450 bonecos para as crianças da comunidade. Como relatado pelo grupo, essa foi a semente do projeto. A partir daí, as então denominadas Bonequeiras Sem Fronteiras começaram a ser requisitadas para atividades de caráter solidário.

Apesar de sua ação inicial ter se concentrado nas crianças, as Bonequeiras Sem Fronteiras atendem também idosos e qualquer grupo social que solicite seus bonecos de pano. Atualmente, o grupo organizado no *Facebook* é composto por 482 membros que,



em sua maioria, começaram a costurar bonecos amadoramente, como uma forma de fazer parte de algo maior, visando o bem do próximo, demonstrando que “é pela complementaridade entre uns e outros que as ações voluntárias se tecem...” (GIL apud QUINTEIRO, 2006, p.111). No grupo são divulgadas as datas das ações, as normas do projeto para organização de mutirões, normas de segurança, tutoriais e moldes para produção dos bonecos, endereços dos voluntários responsáveis por entregas específicas para envio das contribuições, relatório anual das entregas e as fotos dos eventos.

Além da confecção dos bonecos, os voluntários também se mobilizam para organizar novas ações, que envolvem envio e recebimento dos bonecos, entrega e transporte até as comunidades, bem como o registro através de fotos para ser compartilhado no grupo do *Facebook*, como uma forma de prestação de contas. Como forma de manter a integridade, privacidade e comprometimento, o grupo é fechado e novos membros só são aceitos mediante convite das administradoras.

Para divulgação geral, o grupo mantém um *blog* ([www.bonequeirasemfronteiras.blogspot.com.br](http://www.bonequeirasemfronteiras.blogspot.com.br)), e uma *fanpage* no *Facebook* ([www.facebook.com/pages/Bonequeiras-sem-Fronteiras/277452049036069?fref=ts](http://www.facebook.com/pages/Bonequeiras-sem-Fronteiras/277452049036069?fref=ts)), acompanhada atualmente por mais de 13 mil pessoas, que informa sobre as ações, mas preserva a privacidade do grupo. Todos os custos são cobertos pelos voluntários, uma vez que o grupo não aceita doações em dinheiro para não desviar-se do “propósito de engajar cidadão em uma ação social por iniciativa e recursos próprios” (MENEZES, 2013). Em 2014, de acordo com levantamentos feitos pelo grupo, foram feitas 10 entregas, totalizando 1.377 itens direcionados para crianças, adultos e idosos. Entre esses itens, além dos bonecos, estão contabilizados também kits escolares, kits de higiene, mantas, cachecóis, almofadas, gorros, etc.

A preocupação dos artesãos vai além de simplesmente produzir uma grande quantidade de bonecos para suprir a demanda de cada entrega. A produção dos bonecos das ações segue uma temática relacionada com aqueles que irão recebê-los, pretendendo que os brinquedos agradem seus novos donos e que, de alguma forma, reflitam e se identifiquem com a realidade específica de cada um deles.

Na entrega realizada na aldeia Tekoa Pyau, na capital paulista, por exemplo, foram produzidos bonecos com características curumins, bem como animais típicos das florestas brasileiras, como tamanduás e bichos-preguiça. Para a ação de Pinheirinho,



foram criados os Super-Pinheirinhos, inspirados na realidade dos meninos da comunidade e nos super-heróis tão pertinentes a essa faixa etária. No geral, são entregues bonecos que atendem a diversidade do país, como japoneses, negros, brancos e índios, revelando assim uma delicadeza de conhecer os beneficiários muito além de simplesmente realizar um ato de solidariedade.

Sobre o compromisso do voluntariado, Eliana Matayóshi Yamaguti reflete:

Não há espaço para altruísmo descompromissado, por a participação voluntária requer disciplina, capacitação, um compromisso sério que se assume para ser cumprido à risca. “Ser voluntário” não quer dizer que não há responsabilidade; ao contrário, está ligado a um ideal de servir de bom grado, de doar, de envolver-se com a causa em que se acredita. (YAMAGUTI apud QUINTEIRO, 2006, p.79)

E é calcado nesse compromisso e disciplina que o grupo Bonequeiras Sem Fronteiras promove um espaço onde os voluntários têm plena consciência de seus deveres, respeitando desde as regras estabelecidas na confecção das peças até a conduta adotada pelo grupo com o cuidado na utilização de imagens dos rostos das crianças beneficiadas nas entregas, fechando assim um ciclo de confiança e responsabilidade dos envolvidos. Para tanto, o grupo dispõe de um manual postado no grupo do *Facebook*, onde estão descritas as regras e cuidados a serem tomados por cada bonequeira desde a confecção até a entrega dos bonecos.



Imagem 1 - Ação na Comunidade Indígena - Aldeia Araça-I, em Piraquara-PR, em abril de 2015<sup>5</sup>.



Imagem 2 - Entrega de bonecas e tricôs para os idosos do Lar dos Velhinhos de Americana, em agosto de 2013<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Arquivo Bonequeiras Sem Fronteiras, Daniel Rebello, 2015. Disponível em: <<http://bonequeirassemfronteiras.blogspot.com.br/2015/04/entrega-comunidade-indigena-aldeia.html>> Acesso em: 27 abr. 2015.

<sup>6</sup> Arquivo Bonequeiras Sem Fronteiras, Ve Scavacini, 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/277452049036069/photos/pb.277452049036069.-2207520000.1430141295./446459082135364/?type=3&theater>> Acesso em: 27 abr. 2015.



Outra prática dos participantes é a organização de mutirões para entregas específicas, que ocorrem por iniciativa de integrantes do grupo com a intenção de reunir fisicamente os voluntários para produzir os bonecos. Os mutirões acontecem em diferentes localidades, e também contam com regras a serem seguidas para manter a integridade da visão do grupo.

### **Do Excedente Cognitivo ao Ócio Criativo**

O sociólogo italiano Domenico De Masi, em seu livro *O ócio criativo* (2000), define a sociedade atual como pós-industrial. Para tanto, ele pontua que durante a fase industrial, o trabalho pouco exigia mentalmente dos trabalhadores, devido às linhas de montagens com seus processos padronizados, onde o trabalho do homem se restringia à repetição de movimentos corporais. Já na fase pós-industrial, o trabalho braçal não é tão necessário, uma vez que as máquinas são capazes de reproduzir o trabalho humano nas linhas de montagem, e assim, uma nova liberdade é oferecida ao homem: a criatividade. Associando ócio, ou seja, o tempo livre de trabalho, e a criatividade promovida pela fase pós-industrial, De Masi esclarece o termo ócio criativo, no qual defende a utilização do período livre de trabalho para a produção criativa.

Para ele, ócio criativo define-se como o resultado do trabalho, aprendizagem e diversão, em uma sociedade mais intelectual e criativa, na qual a satisfação e o sentimento de realização estão intrínsecamente ligados a atividades que o promovam. Por meio dessa análise, De Masi (2000) acredita na diminuição do trabalho tradicional, onde as pessoas passam muito tempo fora de casa para realizar trabalhos que não demandam tamanha carga horária, fazendo com que os cidadãos tenham cada vez mais tempo livre. Sendo assim, este tempo livre fará com que a sociedade comece a se distanciar de atividades que meramente produzam riqueza e seja utilizado para o trabalho voluntário, voltando-se cada vez mais para a solidariedade.

Dentro desse contexto, Clay Shirky (2011) posiciona a Internet como uma ferramenta que oferece oportunidades de mudança cultural e social, transformando o excedente cognitivo em ócio criativo.



O direcionamento do nosso excedente cognitivo permite que as pessoas se comportem de forma cada vez mais generosa, pública e social, em comparação com seu antigo status de consumidoras e bichos-preguiça. A matéria-prima dessa mudança é o tempo livre disponível para nós, tempo que podemos investir em projetos que variam da diversão à transformação cultural. Se tempo livre fosse a única coisa necessária, entretanto, as atuais mudanças teriam acontecido há meio século. Agora temos à nossa disposição as ferramentas e as novas oportunidades que elas viabilizaram. (SHIRKY, 2011, p.61)

A tecnologia, tanto para De Mais (2000) quanto para Shirky (2011), não tem um fim em si mesma, mas serve como uma oportunidade para que se viva e se faça viver melhor. Para Shirky, as ferramentas, no caso as mídias sociais, são simplesmente uma forma de canalizar a motivação já existente, e as barreiras que impediam as ações grupais desmoronaram, tornando possível ao ser humano explorar novas formas de se reunir e realizar. As mídias sociais acabam por promover encontros virtuais entre pessoas que compartilham os mesmos interesses, tornando esse fato suficiente para que as relações virtuais se concretizem no mundo real, no caso, através de ações de cunho social.

Além disso, o autor defende também que a sociedade vive um aumento significativo de sua capacidade de compartilhar, cooperar e empreender ações coletivas, fenômeno que as mídias sociais possibilitam que aconteça independentemente das instituições e organizações tradicionais.

Algo que torna a era atual notável é que podemos agora tratar o tempo livre como um bem social geral que pode ser aplicado em grandes projetos criados coletivamente, em vez de minutos individuais a serem aproveitados por uma pessoa de cada vez. (SHIRKY, 2011, p.15)

Tanto o excedente cognitivo quanto as possibilidades tecnológicas atuais fazem com que as mídias sociais deixem de ser meros meios de comunicação para tornarem-se poderosos locais de coordenação, viabilizando ações reais que influenciam diretamente a vida de indivíduos e, conseqüentemente, a sociedade como um todo.



## **Bonecas, Motivações e a Oportunidade nas Mídias Sociais**

Por meio da análise de diferentes eventos e manifestações populares organizadas no ambiente das mídias sociais, Shirky (2011) afirma que o fenômeno dessas mobilizações virtuais vem tomando forma em acontecimentos reais e propõe uma nova abordagem sobre a visão de rede como um espaço separado da realidade. Para ele,

A antiga visão de rede como um espaço separado, um ciberespaço desvinculado do mundo real, foi um acaso na história. Na época em que a população *on-line* era pequena, a maioria das pessoas que você conhecia na vida diária não fazia parte dela. Agora que computadores e telefones cada vez mais computadorizados foram amplamente adotados, toda a noção de ciberespaço está começando a desaparecer. Nossas ferramentas de mídia social não são uma alternativa para a vida real, são parte dela. E, sobretudo, tornam-se cada vez mais instrumentos coordenadores de eventos no mundo físico. (SHIRKY, 2011, p.37)

Sendo assim, a mídia deixa de ser somente uma fonte de informação e se transforma também em um local de coordenação. As mídias sociais têm um papel fundamental nesse contexto, uma vez que nelas os usuários desempenham não somente o papel de receptores de informação, como também, e principalmente, o papel de produtores de conteúdo e participantes nos eventos que nelas tomam forma. Mas, muito além disso, o que promove a coordenação desses eventos é o compartilhamento.

Segundo Shirky, o compartilhamento une pessoas que pensam da mesma forma ou têm os mesmos interesses, o que para ele funciona com a ideia: “torne-se público para encontrar pessoas que pensam como você” (SHIRKY, 2011, p.84). Ao compartilhar e tornar visíveis, em rede e globalmente, seus interesses, por mais exóticos que sejam, as pessoas têm grandes chances de encontrar semelhantes, e assim, sentirem-se conectadas e participantes de um grupo social específico e singular. Esse compartilhamento, que rompe barreiras geográficas, é pertinente ao momento atual no qual, devido à globalização e à expansão das mídias sociais, “a geografia importa, mas não é mais o principal determinante da participação” (SHIRKY, 2011, p.79).

Quando a pedagoga Andrea Cordeiro ativou sua rede de contatos pela internet para fazer algo pelas crianças de Pinheirinho, o alcance de sua ação, ao ser divulgada, rompeu completamente com as barreiras geográficas, porém, não foi o



compartilhamento da ação ou as mídias sociais que motivaram as demais bonequeiras a engajarem-se no projeto. A internet é o meio, mas não a causa das motivações.

Em seu livro, Clay Shirky divide as motivações que movem o ser humano em intrínsecas e extrínsecas. As motivações intrínsecas são aquelas nas quais o sentimento de satisfação é a própria atividade em si ou o sentimento de satisfação gerado pela mesma; e a extrínsecas são aquelas motivações que visam uma recompensa aquém da atividade, no caso, o pagamento. Sentimentos vindouros do envolvimento em atividades voluntárias, como participação e cooperação, enquadram-se nas motivações intrínsecas, justamente pela recompensa não ser tangível.

O desejo de ajudar ao próximo, participar e ser um cidadão atuante é algo latente na maioria das pessoas, que uma vez sensibilizadas com acontecimentos, como o de Pinheirinho, procuram formas de minimizar o sofrimento alheio. Essa motivação intrínseca define-se como uma extensão do nosso comportamento como seres sociais, cujos padrões de comportamento funcionam independentemente do meio ou veículo. Portanto,

Nossas motivações para usar essas ferramentas são as antigas e intrínsecas, motivações antes mantidas na esfera privada, mas que agora estão irrompendo em público. Entretanto, para se transformar em algo real, todo esse potencial natural ainda precisa de oportunidade (SHIRKY, 2011, p.89).

Ou seja, as mídias sociais funcionam como uma extensão no ambiente social em ações como as do grupo Bonequeiras Sem Fronteiras, viabilizando e maximizando seu alcance. Viabilizando pelo fato de aumentar o alcance de cada ação, rompendo com barreiras geográficas, possibilitando a coordenação das ações e maximizando-as, pois, ao tornar essas ações visíveis, a satisfação dos indivíduos em participar e compartilhar aumenta o desejo de conexão, fazendo com que essas atividades sejam ainda mais expressivas e ampliando as motivações pessoais e sociais dos membros do grupo.

É o ambiente colaborativo que faz com que as ideias e realizações das bonequeiras tomem forma, se desenvolvam mais depressa e tenham maior alcance do que se cada uma delas estivesse buscando os mesmos objetivos sem o compartilhamento. Esse conceito, aliado aos ideais do terceiro setor, toma uma nova proporção, uma vez que os indivíduos engajados em projetos voluntários encontram nas mídias sociais facilidade e oportunidade para movimentar e coordenar ações reais de



forma mais efetiva e incisiva. Outro aspecto importante a ser percebido nas Bonequeiras Sem Fronteiras é a cultura compartilhada dentro do grupo.

... as preocupações internas de qualquer comunidade específica parecem insignificantes aos olhos dos outros; mas ser membro de uma comunidade de interesses compartilhados é se dedicar, profundamente e em detalhes, a coisas nas quais o público em geral não passa muito tempo pensando (SHIRKY, 2011, p.83).

Os valores e o conjunto de conceitos compartilhados e mutuamente coordenados dentro do grupo no *Facebook* não poderiam ser criados por nenhum tipo de mercado ou motivação extrínseca, uma vez que, para cada participante, a realização em fazer parte do grupo e participar das ações é motivação para seguir as normas de conduta e monitorar essas normas dentro do grupo como um todo. O respeito da especificidade de cada ação, como já citado, ao criar bonecos que garantam a identificação das crianças e adultos que irão recebê-los é um exemplo da cultura compartilhada entre as bonequeiras, refletindo o cuidado e o sentimento de cada uma durante a confecção de cada boneco doado. Tais cuidados não são motivados por nenhum controle de qualidade geral e impessoal, mas sim, pelas mesmas motivações que as levam a produzir cada boneco ao invés de comprá-los para doação. Para elas, a produção manual é uma forma de demonstrar para as crianças e adultos que irão recebê-los que alguém despendeu de seu tempo para pensar e se preocupar verdadeiramente com eles.

Temos agora ferramentas para nos comunicar e compartilhar, novos meios para nos entregar a essas motivações. Contudo, meios e motivos não são suficientes para explicar o que está acontecendo com os novos usos do nosso excedente cognitivo. Precisamos levar também em conta a oportunidade, maneiras reais de tirar proveito de nossa capacidade de participar em conjunto do que antes consumíamos sozinhos (SHIRKY, 2011, p.90).

É a ação em conjunto, a colaboratividade e a motivação de prezar pelo bem do próximo que guia cada bonequeira a dedicar seu tempo livre na confecção de bonecos personalizados para cada ação promovida pelo grupo. Esses aspectos poderiam existir e existem de forma independente. Porém, o incentivo vindo do compartilhamento dentro do grupo - através dos moldes de bonecas, dos números e fotos das ações, ou da perspectiva de uma nova ação - é o que demonstra que as mídias sociais têm o poder de



viabilizar e agrupar pessoas com motivações semelhantes, transpondo as barreiras geográficas e possibilitando que essas ações tenham um alcance que seria impossível de atingir fora delas. A oportunidade de alcance oferecida pelas mídias sociais é o grande diferencial para a viabilização de projetos como o Bonequeiras Sem Fronteiras.

### **Considerações Finais**

Em meio a toda informação que circula pela internet, especificamente nas mídias sociais, é importante que as organizações e projetos de terceiro setor apropriem-se de seus espaços para promover uma humanização dessas mídias. Tal humanização poderá despertar os indivíduos a contribuírem, voluntariamente, como puderem para o desenvolvimento social e uma condição digna de vida para o maior número de pessoas possível. Para Patrícia Guimarães Gil, o movimento voluntário atual

... é a nítida expressão de que estamos todos cansados de esperar pela ação governamental e, por isso, resolvemos agir por conta própria, na tentativa de promover bem-estar social aos mais necessitados que estão a nossa volta. Se isso é verdadeiro, então não estaríamos vivendo um momento de despolitização, mas de atitudes políticas lideradas localmente (GIL apud QUINTEIRO, 2006, p.120).

Ao identificar as mídias sociais como uma ferramenta para coordenar essas ações, elas terão seu alcance maximizado, não mais restrito localmente. O diferencial é a forma de olhar para essas ferramentas e perceber nelas a oportunidade de transformá-las em extensões dos projetos de cunho social, promovendo o engajamento e a sensibilização com relação ao trabalho voluntário.

O grupo Bonequeiras Sem Fronteiras consegue materializar os conceitos expressos por Clay Shirky (2011), mostrando que uma vez que as pessoas têm em si a motivação para serem agentes de mudança, mídias sociais e outras ferramentas acabam sendo descobertas como formas de aumentar e facilitar a coordenação de seus objetivos.

E assim, as mídias sociais podem contribuir para o agrupamento e compartilhamento de ideias que transcendem o espaço virtual, transformando-se em facilitadoras e viabilizadoras de ações sociais.



## Referências

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

GIL, Patrícia Guimarães. **Voluntariado uma vontade de pertencimento**. In: QUINTEIRO, Eudosia Acuña (org). **Um sensível olhar sobre o terceiro setor**. São Paulo: Summus, 2006.

MENEZES, CYNARA. **Feliz solidariedade**. Carta Capital, São Paulo, 2013. Coluna Sociedade. Publicado em 19/05/2013 - 9h52. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/feliz-solidariedade>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

QUINTEIRO, Eudosia Acuña (org). **Um sensível olhar sobre o terceiro setor**. São Paulo: Summus, 2006.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.